

Cartografando os Estudos Culturais no Cone Sul: análise preliminar do projeto editorial *Debates Críticos en América Latina*.

Silvia Cáceres¹
silviacaceres@ufrj.br

A *Revista de Crítica Cultural*, editada no Chile por Nelly Richard entre 1990 e 2008, constitui um dos lugares de encontro de uma rede intelectual internacional vinculada aos Estudos Culturais em sua vertente britânica². A mesma passa a circular no ano simbólico que fora 1990 para o Chile: ano que demarca o processo de reabertura democrática chilena após quase duas décadas de ditadura militar.

Em 2008, por razões que desconhecemos, a mesma encerra suas atividades e sua editora organiza uma edição de volumes de artigos selecionados das quase duas décadas da revista. O resultado deste trabalho é o lançamento, até o presente momento, de três volumes de artigos intitulados: “*Debates Críticos en América Latina: 36 números de la Revista de Crítica Cultural (1990-2008)*”.

No presente trabalho é nosso intento apresentar uma sistematização parcial dos artigos compilados nos dois volumes lançados do referido projeto editorial. Esse tipo de sistematização compõe o trabalho inicial de nosso projeto de doutorado, que versa sobre a constituição de uma rede de intelectuais no Cone Sul da América do Sul em torno da identidade com os chamados Estudos Culturais. Efetivamente, a *Revista de Crítica Cultural*, junto com a revista *Punto de Vista* (editada na Argentina por Beatriz Sarlo) são lócus centrais à articulação da rede intelectual dos Estudos Culturais no Cone Sul.

O desejo de Revista: Os Estudos Culturais como projeto intelectual.

Na apresentação dos artigos selecionados de Revista de Crítica Cultural, Nelly Richard sintetiza a empreitada editorial da Revista com as seguintes palavras:

¹ Doutoranda do PPGHIS/UFRJ.

² Os Estudos Culturais de vertente britânica é certa tradição intelectual que remete inicialmente aos trabalhos desenvolvidos por E.P. Thompson, Hoggart, Raymond Williams e Stuart Hall nas décadas de sessenta e setenta do século XX. Um estudo histórico, sociológico e filosófico desta tradição é encontrado no trabalho de CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo, Boitempo, 2008.

Las paginas de la Revista de Crítica Cultural se constituyeron, durante casi veinte años, en el escenario editorial de textos determinantes en la conyuntura del debate teórico y cultural en América Latina: unos textos que conjugan las disciplinas universitarias y las transformaciones políticas; los desbordes sociales y los lenguajes estéticos; las memorias en vivo y la reflexión académica; la crítica institucional y los imaginarios de cambio.(RICHARD, 2008)

Nas primeiras linhas de Nelly Richard já se delineia a ambição do projeto: a *Revista de Crítica Cultural* serviu, segundo sua editora, como uma arena onde se lançaram textos determinantes na conjuntura de debates teóricos e culturais da América Latina, havendo uma polissemia de temas e assuntos abordados nos mesmos, que não se limitaram aos debates de fundo teórico/acadêmico, embora os textos que por ali circulem sejam majoritariamente redigidos por intelectuais alocados em sistemas acadêmicos. Prossegue Richard com o seguinte:

Una Revista como la Revista de Crítica Cultural, en tanto revista independiente (que no obedece a ningún encargo y que, por lo mismo, sólo responde a la voluntad y energía de quienes se sienten autoconvocados por su proyecto), depende fuertemente de lo que Beatriz Sarlo llama “el deseo de revista”. Y cuando ese deseo deja de hacerse sentir, es la señal de que la revista ya no es necesaria.(Idem)

Aqui Richard apresenta a revista como projeto independente, movido tão somente pela vontade e energia de quem o convoca. Por um lado a expressão delineia a autonomia relativa que costuma estar inscrita em projetos intelectuais/culturais; contudo, a ênfase única na autonomia bloqueia a leitura do lugar de enunciação do projeto. Que projeto intelectual/cultural que está por trás da *Revista de Crítica Cultural*? Como a revista serve a tal projeto e como ela conseguiu ser articulada social e institucionalmente? Qual desejo de revista molda a publicação e a que público a mesma comunica, (in)forma e responde?

Essas perguntas deverão ser respondidas como perguntas laterais de meu projeto de pesquisa para o doutoramento; sendo este um trabalho que acaba de se iniciar, certamente as perguntas aqui listadas não serão respondidas ao longo do artigo. Como já anunciado, nosso objetivo no presente artigo é apresentar uma sistematização de parte dos artigos da *Revista de Crítica Cultural* a partir da análise de certas categorias e conceitos contidos nos dois volumes de *Debates Críticos en América Latina*. É

necessário fixar que trata-se de dois projetos editoriais distintos; a *Revista de Crítica Cultural* (1990-2008) e sua seleção e rememoração a partir dos artigos selecionados no projeto editorial *Debates Críticos en América Latina* (2008)³.

Os dois volumes de *Debates Críticos en América Latina* possuem subdivisões temáticas nas quais os artigos são agrupados. No volume I há os seguintes subtítulos: *Autoritarismo, postdictadura y transiciones democráticas*, com 12 artigos; *Biografías apasionadas*, com 2 artigos biográficos; *Esfera Pública, imaginários sociales y discursos de la otredad* com 20 artigos. No volume II estão os subtítulos: *Transformaciones universitarias y cruces de disciplinas* com 16 artigos; *De la Battalla de Chile a Salvador Allende*, com três artigos sobre a produção cinematográfica e memória sobre o período Allende; por fim a seção *De Paso*, com 5 artigos de/sobre intelectuais de projeção internacional.⁴

Os volumes concentram seus debates em certo círculo de discussões relacionadas. Esse círculo parece estar amarrado por um grande eixo: *as condições de produção/difusão da cultura em período pós-traumático e pós-moderno*. A partir desse grande tema, interrelacionam-se os debates acerca das transformações universitárias nos últimos trinta anos, os relatos memorialísticos de diversos sujeitos “à margem” dos circuitos dominantes de produção/difusão cultural, os debates acerca das teorias sociais contemporâneas, entre outros.

Dentro da gama de conceitos e debates que circulam em *Debates Críticos*, optamos por trabalhar com as seguintes categorias: intelectuais, disciplinas, universidade. A escolha se justifica: neste primeiro momento, antes de mapearmos de maneira extensiva a trajetória de discussões da rede de intelectuais que pretendemos estudar, pretendemos localizar a(s) anúncio(s) discursiva(s) dos mesmos acerca do conceito de intelectual e de sua função social. De fato, uma das características mais marcantes da rede intelectual vinculada aos Estudos Culturais no Cone Sul é sua detenção no tema dos intelectuais e a postura atuante que parte desta rede possui ao

³ Como o material a que temos acesso no presente momento é a edição *Debates Críticos en América Latina*, estamos cientes de que a presente sistematização é efetivamente uma sistematização do projeto de celebração/rememoração da revista a partir do encerramento de suas atividades. Posteriormente pretendemos adquirir os 36 volumes da Revista de Crítica Cultural e assim sistematizar a revista em si.

⁴ Um terceiro tomo do referido projeto editorial foi lançado no Chile em 2010, porém ainda não tivemos acesso ao mesmo.

trabalhar em prol da reabilitação da função intelectual.⁵ A extensa produção de Beatriz Sarlo sobre a temática, bem como diversos artigos e livros de Nelly Richard, Idelber Avelar entre outros autores, é uma prova contundente da importância desta reflexão na trajetória de composição desta rede intelectual.⁶

Apesar das palavras um pouco evasivas de Richard na apresentação de *Debates Críticos* é evidente que a Revista de Crítica Cultural compõe um projeto intelectual de articulação de um campo de ação/reflexão em torno da tradição dos Estudos Culturais. A partir do comentário de alguns artigos presentes em *Debates Críticos*, pretendemos esmiuçar alguns pontos que parecem centrais a esse projeto intelectual. Mas antes parece ser necessário responder: por que o tema intelectual é tão significativo em tal campo?

Coordenadas: lembrar e/ou perecer.

Estudar uma rede de intelectuais contemporânea que tem como um dos eixos de reflexão central o tema dos intelectuais pode parecer um grande debate circular feito dentro de uma sala de espelhos, onde os personagens se multiplicam imagneticamente ao infinito. De fato, a descrição não deixa de ser um pouco verdadeira e alinhada com a descrição de sociólogos contemporâneos que identificam o debate acadêmico atual como altamente reflexivo⁷. Contudo não devemos sugerir que o que motiva tal debate é (somente) um impulso egóico. Há de fato um *boom* das análises sobre intelectuais nos últimos vinte ou trinta anos nas academias de todo o mundo, no ensejo da chamada “crise dos intelectuais” com o declínio das “grandes narrativas” que compunham o cenário de desenvolvimento da intelectualidade moderna.

A chamada “crise dos intelectuais” como sabemos trata-se da crise de *um modelo* específico de intelectual que emerge no pós-guerra e tem como um dos palcos

⁵ O debate sobre crise dos intelectuais é bem apresentado pelo conjunto de artigos de Bobbio em: BOBBIO, N. **Os Intelectuais e o Poder** : dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo, UNESP, 1997.

⁶ Vide referências bibliográficas para alguns trabalhos dos autores nos quais os mesmos refletem sobre o tema intelectuais e intelectualidade.

⁷ Embora não partilhemos de boa parte das conclusões de Giddens, sua descrição da arena pública e da produção de conhecimento contemporâneo como eminentemente reflexivos nos parece precedente. Ver: BECK, U.; GIDDENS, A. ; LASH, S. (orgs). **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo, Unesp, 1997.

de atuação mais lembrados o maio de 68 francês e internacional. Trata-se do *intelectual engajado*, aquele que intencionava atar seu destino ao destino da classe trabalhadora e ou de outros segmentos que representariam a possibilidade de mudança social.

Essa crise atua sobre a intelectualidade latino-americana do Cone Sul e é vivenciada pela mesma dentro dos processos de reabertura democrática dos anos 80. Se em períodos anteriores às ditaduras o vínculo entre intelectual de esquerda e segmentos populares parecia óbvio, nos anos que se seguem ao fim dos regimes autoritários se assiste a um crescente questionamento acerca dos papéis públicos e os vínculos sociais e de classe que a intelectualidade de esquerda poderia vir a assumir nas democracias em construção.

O que intenta essa rede de intelectuais identificada aos Estudos Culturais quando aborda a temática dos intelectuais? Nosso primeiro palpite é que a mesma intenta reabilitar o papel do intelectual atuante socialmente dentro de um balanço crítico que tem como objetivo lembrar e/ou perecer. A tradição dos Estudos Culturais britânicos, nas palavras de Stuart Hall, um de seus fundadores, possui uma “vocação política”. Lembrando esta tradição, John Beverley diz que:

Desde el principio, la escuela, que nació en unas de las universidades periféricas creadas después de la Segunda Guerra Mundial por El gobierno laborista precisamente para democratizar El sistema universitário, tuvo, o mejor dicho quiso tener, una relación orgánica con la clase obrera inglesa. Por un lado quería hacer una práctica académica institucional que representara, en el doble sentido de hablar por y hablar de, el protagonismo de esa clase; de allí la vinculación con los historiadores asociados al marxismo ingles, como Thompson; por otro lado se relacionaba también con el “*out culture*” del proletariado nuevo en formación, y con los nuevos movimientos sociales que empezaban a surgir en los setenta: el feminismo, los movimientos de los gays, de la población inmigrante caribeña y asiática. (BEVERLEY, 2008).

Portanto é possível identificar que a tradição dos Estudos Culturais nasce da confluência de debates que tenderiam a separar-se – geralmente conflitivamente – com a emergência da pauta acadêmica/teórica pós-moderna: por um lado temos a tradição do marxismo e seu grande conceito chave (classe) e de outro os chamados novos movimentos sociais que em parte seriam responsáveis pelo impulso da pauta pós-

moderna e sua crítica contundente a toda “grande narrativa” tal qual a idéia de totalidade social operada pelo marxismo para o trabalho com o conceito de classe.

O lugar de anunciação do intelectual dos Estudos Culturais é desta forma bastante polêmico, por tentar orquestrar um trânsito entre espectros do pensamento contemporâneo que talvez tenham mais conflitado do que convergido em suas análises. Os Estudos Culturais no Cone Sul refletiram/refletem acerca da pertinência dessas matrizes de pensamento, bem como sobre a possibilidade de sua convergência dentro de um cenário pós-moderno, cenário este que tende à dissolução/carnavalização das tradições teórico analíticas, privilegiando mais o trabalho de colagem do que o de síntese (sendo este último tão caro à tradição marxista). De fato, embora os Estudos Culturais reflitam constantemente sobre a condição pós-moderna, seus representantes não exatamente partilham das conclusões do pós-modernismo teórico, tão bem representado pelos trabalhos de Lyotard e Baudrillard.

Assim, a detenção sobre o tema dos intelectuais, sobretudo na passagem ditadura – pós-ditadura, deveria servir para lembrar a função pública dos intelectuais, e servir também para não perecer diante do catastrofismo da análise de que todo o passado do intelectual engajado fora um erro absoluto. Lembrar para não perecer, e lembrar para deixar perecer certas posturas que de fato podem ter sido equivocadas. Lembrar para deixar perecer os binarismos contemporâneos que recaem sobre a memória da intelectualidade atuante no cenário do pós-guerra. Esta defesa organizada por Sarlo parece ser um programa central à rede intelectual que propomos estudar. A *Revista de Crítica Cultural* parece ter sido um espaço de intervenção de perfil acadêmico voltado à arena pública com o fim de defender e projetar esse projeto intelectual/político.

Palavras-Chave: intelectuais, disciplinas, universidade.⁸

Dentro dos seis eixos de debates em que os artigos da Revista de Crítica Cultural são agrupados em *Debates Críticos*, um deles se destaca para o recorte que aqui propomos: *Transformaciones universitarias y cruces de disciplinas*. Localizado no

⁸ Referência ao trabalho de Raymond Williams intitulado “Palavras-Chave”; tal trabalho é uma mostra de que o esforço por sistematizações sócio-histórica dos conceitos que está presente desde o início do projeto dos Estudos Culturais. Ver: WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave: um vocabulário de Cultura e Sociedade**. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo, Boitempo Editorial, 2007.

segundo volume, este eixo agrupa 16 artigos todos eles de autores identificados ou relacionados - mesmo que pelo viés crítico-negativo - ao campo dos Estudos Culturais na América Latina.

Mapeamos alguns circuitos argumentativos que se encontram em *Transformaciones universitarias* e merecem ser destacados como elementos identitários da rede intelectual que estudamos; são eles:

- *O marco inaugural do trânsito recente da intelectualidade do Cone Sul: ditadura/pós ditadura.*
- *O diálogo com a história e o programa dos Estudos Culturais britânicos e o debate sobre institucionalização/disciplinarização do saber.*
- *A demarcação do lugar de anunciação: uma identidade latino-americana (?)*
- *O debate modernidade – pós-modernidade.*

Cada um desses grandes eixos são articulados, o que não significa que os mesmos sejam apresentados ou lidos de forma homogênea. Como elementos cartográficos, os mesmos são pontos de apoio e referência num mapa de debates que caracteriza a rede intelectual em questão. Sobre eles discorreremos rapidamente, apresentando marcos gerais do debate e os autores que se centram neles no projeto editorial *Debates Críticos*.

Trânsitos intelectuais: ditadura/ pós-ditadura

O debate sobre ditaduras e transições a formas democráticas é crucial à tradição dos Estudos Culturais no Cone Sul por compor a cena histórica de sua formação e por ser um *leitmotiv* dessa mesma tradição. É possível subdividir esse tema em três grandes temáticas, todas analisadas pelo prisma da mudança (eventualmente lida como traumática):

- A transformação do Estado no intercurso ditadura – pós-ditadura. Descrito até antes da ditadura como Estado desenvolvimentista e/ou populista o pós-ditadura marcaria a transformação desse Estado à luz de desígnios de mercado. Dentro desse debate há

ainda a análise sobre os economistas como intelectuais proeminentes nesse câmbio; essa é a linha de argumentação presente no artigo de Willy Thayer, por exemplo.

- A transformação da (incipiente) cidadania dos países latino-americanos no pré-ditadura em cidadania de mercado no pós-ditadura. Tal tese ressoa para a localização dos intelectuais na esfera pública: é possível dialogar com a cidadania de mercado? De que forma? Entre os artigos preocupados com tais questões encontram-se os de Carmano-Huechante, o artigo de Beatriz Sarlo e o de Raúl Antelo.

- A transformação das disciplinas e da forma de se organizar os sistemas universitários nacionais. Todos os países do Cone Sul passaram por ajustes nos sistemas universitários no transcurso dos períodos ditatoriais e no pós-ditadura. Nos artigos dedicados ao tema, tais transformações permitiram o ajuste dos sistemas universitários à forma mercado, inclusive na forma de normatização da produção intelectual. Há ainda artigos que trabalham dentro de uma perspectiva de mais longo prazo, localizando o declínio das humanidades ao longo de todo o século XX, dentro de uma transformação mais larga da(s) modernidade(s). É o caso dos artigos de Brunner e Subercaseaux.

Esses três grandes trânsitos - *Estado, formas de cidadania, disciplinas/universidades* – que são geridos pelo marco maior ditadura – pós-ditadura marcam uma transformação global da cena intelectual, uma vez que a intelectualidade universitária que vivenciou o nacional-desenvolvimentismo durante os anos 50 e 60, por mais querelas internas que possuíssem, pareciam estar familiarizados, habituados a identificar em seus horizontes de ação (1) a gestão do Estado, (2) a profissão do dever intelectual sobre a formação da cidadania e (3) a alocação profissional e disciplinar de sua(s) área(s) de dedicação acadêmica.

Este primeiro subtópico dentro dos textos alocados em *Cruces de Disciplinas* nos parece formar um conjunto de textos mais coesos entre si. Essa ao menos aparente coesão pode ser explicada da seguinte maneira: se há uma polifonia de posições dentro da intelectualidade vinculada aos Estudos Culturais na América Latina e no Cone Sul, um dos eixos fundantes de sua articulação como rede intelectual é o partilhamento de quadros gerais sobre o trânsito dos tempos, sobre a experiência e a vivência da modernidade latino-americana. Esse marco inaugural poderia, portanto ser interpretado como uma espécie de “programa mínimo” na formação da identidade intelectual em torno dos Estudos Culturais no Cone Sul.

O diálogo com a história e o programa dos Estudos Culturais britânicos e o debate sobre institucionalização/disciplinarização do saber.

A questão sobre o “manejo” da tradição dos Estudos Culturais está intimamente relacionada ao último subtópico de trânsitos listados no item anterior. Efetivamente, ela poderia ser reelaborado na forma de perguntas com localização tempo-espacial:

Como a tradição dos Estudos Culturais britânicos desenvolve-se no Cone Sul latino-americano no transpasso ditadura- pós-ditadura? Quais as fidelidades e afastamentos que esse desenvolvimento mantém em relação aos autores britânicos (Hoggart, Williams, Stuart Hall)? Esse campo intelectual conseguiu formar um programa intelectual? Qual a natureza desse programa e qual seu alcance na cena pública? Tem se tornado os Estudos Culturais mais um campo de saber disciplinarizado e portanto, burocratizado?

Essas perguntas são quase todas formulações nossas, mas pretendem transparecer a preocupação latente de artigos como os de John Beverley. Efetivamente, Beverley é o autor que de maneira mais direta trás a questão à baila localizando o caráter eminentemente político da tradição dos Estudos Culturais britânicos, localizando a tradição marxista e classista por trás da motivação intelectual de Hoggart, Williams e Stuart Hall.

Mas a política não emerge somente do recurso aos quadros de referência marxista e com recurso ao conceito de classe. Há uma polifonia de tradições críticas, conceitos e temáticas que desaguam no quadro de relações dos Estudos Culturais na América Latina. Notoriamente o feminismo, os debates sobre identidade étnica, subalternidade e pós-colonialismo são linhas mestras das chaves de desenvolvimento e relação da tradição dos Estudos Culturais na América Latina. Tais discussões surgem por vezes de forma memorialista na forma de entrevista com intelectuais que se dedicaram a algum desses campos. Entre os artigos dedicados a tais temáticas integradas e paralelas ao desenvolvimento da tradição dos Estudos Culturais encontram-se os de Ileana Rodríguez abordando os debates sobre subalterno e Kemy Oyarzún, oferecendo um balanço sobre certa trajetória do feminismo na América Latina.

A demarcação do lugar de anúncio: uma identidade latino-americana (?).

A noção de identidade latino-americana é subjacente ao debate sobre programa dos Estudos Culturais no Cone Sul. Afinal, há mesmo especificidades que tornariam a modernidade latino-americana ímpar e portanto, configurariam elementos a que projetos alternativos de modernidade/ emancipação deveriam se reportar?

O debate sobre identidade de forma irremediável de alguma maneira conectado à noção de projeto e destino⁹. Definir qualquer projeto é definir certo marco identitário que agrupa a pluralidade da vida. Definir um projeto intelectual vinculado aos Estudos Culturais na América Latina é definir também uma identidade latino-americana. Para a rede que aqui analisamos é possível e desejável formular um projeto identitário para este cenário híbrido chamado América Latina?

A hibridez talvez seja mesmo a palavra-chave para os projetos de identidade latino-americana para a rede aqui mencionada. E na operação com o conceito de hibridez, cpor certo Nestor Garcia Canclini e sua análise sobre culturas híbridas são uma base importante de referência.

Como o título do livro de Canclini sugere, - *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade* - hibridez é um conceito articulado leituras sobre o desenvolvimento da modernidade na América Latina. Uma das características marcantes da hibridez cultural da América Latina seria a sobreposição de temporalidades e levas de modernização sobrepostas.

A leitura de Canclini não é contudo unívoca dentro dos quadros de relação/desenvolvimentos dos Estudos Culturais tal qual apresentados no projeto de *Debates Críticos*. O artigo de Mabel Morãna intitulado “El boom del subalterno” apresenta contrapontos às teses de Canclini à luz das teorias sobre o subalterno, as quais não podemos ainda esmiuçar por falta de leituras nesse campo que nos permitam apresenta-lo com maior propriedade.

⁹ A articulação intrínseca entre memória, projeto e identidade é tecida de maneira clara na obra de VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

O debate modernidade – pós-modernidade.

Se a tradição dos Estudos Culturais britânicos remete-se ao compromisso da intelectualidade com um(s) projeto(s) de emancipação das sociedades, por certo tal perspectiva insere-se dentro de uma leitura moderna sobre a intelectualidade e seu papel. Caberia replicar tal perspectiva dentro de um cenário pós-moderno? O que significa este corte, esta passagem cultural: modernidade - pós-modernidade?

A discussão modernidade – pós-modernidade coincide e se sobrepõe ao debate ditadura – pós-ditadura conforme diversos autores, mas entre eles notoriamente Beatriz Sarlo, asseguram. Esta transição é um grande debate que mobiliza e articula aos demais e por isso é perseguida em um vasto conjunto de artigos. A pós-modernidade é um tema amplamente analisado, porém, sendo uma temática encarada como crise muito mais do que como oportunidade como o quer Canclini, por exemplo, não parece ser discussão que esteja se encaminhando para qualquer consenso no que diz respeito às possibilidades de se cogitar uma saída para a crise que a cultura pós-moderna leva em seu bojo. Possíveis soluções para a crise dos projetos modernos passariam por definições em torno da forma como opera e pode ser mobilizada a agência humana em tempos de alargamento do domínio capitalista sobre as formas culturais e as sensibilidades, nos dizeres de Frederic Jameson.

Balanco parcial: afinal, o que é Estudos Culturais no Cone Sul?¹⁰

É em definitivo cedo para que possamos tecer quaisquer teses sobre o desenvolvimento da rede intelectual vinculada a tradição dos Estudos Culturais no Cone Sul. Na breve aproximação que tecemos ao longo do texto a partir das leituras de uma seção do projeto editorial *Debates Críticos* percebemos a pluralidade de posições e a dificuldade de tentar achar fios identitários claros em uma tradição que possui como marca seu caráter não disciplinar. Os tópicos que listamos são plataformas de debates caras ao desenvolvimento dos Estudos Culturais no Cone Sul. Mas de fato, nos parece difícil num primeiro momento distinguir com clareza a interseção entre Estudos

¹⁰ Parodiamos aqui o título do livro de Thomas T. Silva: “o que é, afinal, Estudos Culturais?”. Vide referência completa nas referências bibliográficas.

Culturais e teorias feministas, Estudos Culturais e Estudos subalternos, Estudos Culturais e pós-colonialismo, só para listarmos os três exemplos que nos parecem mais prementes dentro dos textos analisados de “*Debates Críticos*”.

Dentro deste primeiro balanço parcial concluímos que os Estudos Culturais e a identidade com tal tradição, parece ser sobretudo um compromisso com a tentativa de ler a cultura e formular/ ajudar a formular projetos emancipacionistas para as sociedades latino-americanas através do transpasso do trauma ditatorial. Portanto a identificação com os Estudos Culturais parece estar associada à ideia de reativação da política, do espaço público e da intervenção intelectual na arena pública. Compreendemos que tal definição é ainda insipiente. Mas é um primeiro passo dentro do vasto trabalho de cartografar uma rede intelectual que se quer não disciplinar.

Referências Bibliográficas

AVELAR, Idelber. **Alegorias da Derrota**: a ficção pós ditatorial e o trabalho do luto na América Latina. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, volume I. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BOBBIO, N. **Os Intelectuais e o Poder** : dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo, UNESP, 1997.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos Estudos Culturais** – uma versão latino-americana. Belo Horizonte, Autentica, 2010.

FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2006.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Loyola, 2004.

JAMESON, Frederic. **Espaço e Imagem**: teorias do pós-moderno e outros ensaios. Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

LECHNER, N. **Los patios interiores de La democracia**: Subjetividad y Política. Santiago de Chile, FLACSO, 1988.

LOWY & SAYRE. **Revolta e Melancolia**: O Romantismo na contramão da Modernidade. Petrópolis, Vozes, 1995.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

RIDENTI, Marcelo. *Artistas e Política no Brasil pós-1960*: itinerários da brasilidade. In: RIDENTI, M, BASTOS, E. & ROLLAND, D.(orgs). **Intelectuais e Estado**. Belo Horizonte, UFMG, 2006.pg.229-261.

RICHARD, Nelly. **Márgenes e Instituciones:** Arte em Chile desde 1973. Escena de Avanzada y Sociedad. Santiago de Chile, Ediciones Metales Pesados, 2007.

_____(editora). **Debates Críticos en América Latina:** 36 números de la Revista de Crítica Cultural (1990-2008). II volumes. Santiago de Chile, Editorial ARCIS/Editorial Cuarto Propio/Revista de Crítica Cultural, 2008.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias:** Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação. São Paulo, EDUSP, 1997.

_____. **Cenas da Vida Pós-Moderna:** intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

SILVA, T. T. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte, Autentica, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave:** um vocabulário de Cultura e Sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo, Boitempo Editorial, 2007.